

**ARTIGO**

**Recebido em:**  
**29/10/2014**

**Aceito em:**  
**01/04/2015**

*Encontros Bibli: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação*, v. 20, n. 42, p. 17-29, jan./abr., 2015. ISSN 1518-2924. DOI: 10.5007/1518-2924.2015v20n42p17

## **Análise bibliológica: ferramenta de segurança em coleções de livros raros**

*Bibliological analysis: security tool in collections of rare books*

**Raphael Diego Greenhalgh**

Universidade de Brasília  
raphaelrdg@gmail.com

**Miriam Paula Manini**

Universidade de Brasília  
mpmanini@uol.com.br

### **Resumo**

O valor histórico-cultural e econômico do livro raro faz com que o mesmo seja, frequentemente, objeto de roubo e furto. Portanto, as instituições guardiãs deste tipo de acervo têm que reforçar sua segurança com o intuito de inibir essa prática criminosa. O presente trabalho, por meio de revisão de literatura, tem como objetivo analisar a possibilidade de uso da análise bibliológica como uma ferramenta de segurança, pois com a descrição detalhada dos exemplares é possível aumentar o conhecimento sobre o acervo de uma instituição e atribuir propriedade inequívoca aos exemplares raros, que nem sempre recebem carimbos ou outras marcas, dificultando a devolução dos livros no caso de roubo e furto e possível recuperação dos mesmos. Portanto, a análise bibliológica individualiza o exemplar, além de permitir o manuseio e conhecimento aprofundado deste, fatores imprescindíveis à segurança das obras.

**Palavras-chave:** Análise bibliológica. Biblioteconomia de livros raros. Segurança contra roubo e furto. Obras Raras.

### **Abstract**

The historical-cultural and economic value of rare book makes the same is often the object of robbery and theft of rare books. Therefore, the guardians of this type of library institutions have to strengthen their safety in order to inhibit such criminal practice. This paper, through literature review has the objective analyzing the possibility of using bibliological analysis as a security tool. Because with the detailed description of the copies is possible to increase the knowledge about the collection of an institution and attribute unequivocal property to rare specimens, that not always receive stamps or other marks, making it difficult to return the books in case of robbery and theft and possible recovery thereof. Therefore, the bibliological analysis individualizes the exemplary, besides allowing the handling and extensive knowledge of this, essential factors to security of the books.

**Keywords:** Analysis bibliological. Rare Books Librarianship. Security against theft and robbery. Rare Books.



v. 20, n. 42, 2015  
p. 17-29  
ISSN 1518-2924



Esta obra está licenciada sob uma [Licença Creative Commons](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

## **1 INTRODUÇÃO**

Os livros raros, por seu valor histórico-cultural, passam a ser desejados como objeto de colecionismo e, assim, tornam-se alvos de roubo ou furto, pois a procura deste tipo de obra por bibliófilos, associada à sua escassez, faz seu valor mercadológico aumentar. Diante deste contexto, as instituições têm que se proteger de todas as formas possíveis do ataque de criminosos. Portanto, o presente trabalho, por meio de revisão de literatura, tem como objetivo analisar o uso da análise bibliológica como ferramenta de segurança contra roubo e furto de livros raros.

Algumas instituições, como, por exemplo, a Biblioteca Nacional, optam por não usar carimbo em seus livros raros para evitar a perda informacional causada por esta prática, que descaracteriza a obra levando à diminuição de seu valor patrimonial. Além disso, é comum que os livros recuperados após roubo e furto apresentem indícios de remoção química e/ou física dos carimbos. Ou seja, os mesmos não são inibidores desta atividade criminosa e ainda obrigam que os raptos, de algum modo, tentem removê-los, ocasionando a dilapidação do objeto.

Na recuperação de um livro raro, com a ausência do carimbo, nem sempre é possível determinar com exatidão a que instituição o exemplar pertence, pois o mesmo título pode ter sido subtraído de mais de uma coleção. Portanto, as instituições têm que encontrar meios de reconhecer assertivamente como sendo suas as obras resgatadas.

O desconhecimento das características da obra pelo seu protetor também pode facilitar a ação de criminosos. Por exemplo, o desconhecimento da existência de gravuras em um livro pode fazer com que as mesmas sejam subtraídas em uma consulta e que este ato não seja identificado pelo bibliotecário no momento da devolução. A retirada de cinco ou seis páginas de uma obra que contém trezentas a quatrocentas páginas, por exemplo, pode passar despercebida caso não se esteja focado em averiguar se as mesmas se encontram presentes no livro. Esta averiguação só é possível se o bibliotecário tiver conhecimento da existência de tais gravuras.

A análise bibliológica, sendo uma descrição minuciosa das características de cada exemplar, pode ser a ferramenta que ajudará na identificação dos exemplares, de modo que seja possível dizer sem dúvidas a propriedade dos livros, além de funcionar como orientação ao bibliotecário no momento de disponibilizar a obra para consulta, visto que, por meio das informações adquiridas com esta técnica, disponíveis no registro catalográfico da obra, saberá suas principais características.

Na análise bibliológica são levantados aspectos como a matéria-prima, as técnicas e o *design* usado na encadernação, o uso de *ex libris* quando for o caso, erros tipográficos no texto e nas paginações, a disposição das gravuras, entre outros. A colação destas características pode indicar, portanto, a propriedade das obras, pois aos exemplares vão se agregando as marcas relacionadas à sua trajetória, desde a fabricação aos dias atuais.

## **2 LIVRO RARO: VALOR HISTÓRICO-CULTURAL**

Um livro é considerado raro quando são encontradas características históricas e culturais, associadas ou não a uma escassez de exemplares, que o

faz se tornar um bem valioso para a sociedade. Para Rodrigues, o livro raro é aquele

[...] difícil de encontrar por ser muito antigo, ou por tratar-se (sic) de um exemplar manuscrito, ou ainda por ter pertencido a uma personalidade de reconhecida projeção e influência no país e mesmo fora dele (por exemplo: imperadores, reis, presidentes), ou reconhecidamente importantes para determinada área do conhecimento (física, biologia, matemática e outras). (RODRIGUES, 2006, p. 115).

Em Sant'ana (2001) é possível ver que a antiguidade do livro nem sempre é o mais relevante para a determinação de raridade pelo bibliófilo, mas que as bibliotecas, por sua vez, usam a data de publicação como critério de seleção por reconhecerem a possibilidade de uso de um livro, sem considerar apenas seu valor monetário; ou seja, para as bibliotecas, o valor informacional do livro – e portanto, cultural e histórico – precede o valor venal.

Para Pinheiro (2009), a metodologia de estabelecimento de raridade a um livro deve considerar: limite histórico, aspecto bibliológico, valor cultural, pesquisa bibliográfica e características do exemplar

- Limite histórico: usa como referencial a história do livro, pois o livro assume um papel novo a cada século;
- Aspecto bibliológico: traz uma leitura do livro como objeto, com características além da informação textual, considerando-o em vários casos como obra de arte;
- Valor cultural: traz os pensamentos de uma época e por isso é importante para o entendimento histórico de uma nação ou povo;
- Pesquisa bibliográfica: pode revelar a escassez de um título e o situar dentro do contexto em que foi produzido, trazendo dados que muitas vezes não são possíveis de identificar no próprio exemplar, como tiragem, impressor, importância do ilustrador, do autor, entre outros;
- Características do exemplar: são aquelas extrínsecas à publicação, verificáveis nas inserções, subtrações e complementações que ocorreram posteriormente à sua produção.

O valor histórico do livro raro não é definido por sua data de publicação, mas pelas características históricas da produção livreira, que, por muito tempo, produziu livros de modo artesanal com uma quantidade reduzida de exemplares, conforme mostra Silva:

O livro não será considerado raro por ter 400 anos de idade, mas sim porque há 400 anos atrás (sic) o seu fabrico era realizado de forma artesanal, em edições escassas que passaram a ser consideradas raras. Em outras palavras, a tradução de um *best-seller* com tiragem de centenas de milhares de exemplares, (sic) só será considerada rara daqui a 400 anos se houver uma procura associada a uma escassez futura, em que os estoques disponíveis não atendam a uma determinada demanda. (SILVA, 2011, p. 39-40)

Reifschneider (2008) traz alguns exemplos de livros raros de acordo com seu valor cultural, como aqueles que possuem alguma vinculação com personagem histórico, cultural ou político, por meio dos *ex libris*, dedicatórias, assinaturas e anotações; as primeiras edições de obras

significativas e as edições de revisões em que o próprio autor fez as correções. Também são raros os livros renegados por seus autores, que os recolhem, impedem reimpressão e em alguns casos os destroem; as edições clandestinas e censuradas, as tiragens reduzidas ou publicações de confrarias e as monografias e manuscritos de pessoas ilustres.

### **3 LIVRO RARO: VALOR VENAL**

O valor mercadológico é determinado, de modo geral, pela oferta de exemplares e pela procura dos mesmos pelos bibliófilos. É importante ressaltar que bibliófilos e bibliotecários têm visão diversa sobre a determinação de raridade, principalmente sobre o uso da data como limitação na seleção dos livros, de modo a apontar sua relevância histórica, já que para as bibliotecas o que importa é o valor informacional da obra, conforme mostra Sant'Ana:

Embora ambos reconheçam o valor histórico de uma obra antiga ou de um clássico da literatura, em geral os colecionadores não se prendem à antiguidade de uma obra para sua caracterização como rara, utilizando este termo mais como sinônimo de algo valioso. As bibliotecas, por sua vez, referem-se à data como um dos principais critérios de raridade, reconhecendo na obra a sua possibilidade de uso e não o simples valor monetário. (SANT'ANA, 2001, p. 2)

Este aspecto é verificável na declaração do notório bibliófilo Rubens Borba de Moraes:

Um livro não é valioso porque é antigo e, provavelmente, raro. Existem milhões de livros antigos que nada valem porque não interessam a ninguém. Toda biblioteca pública está cheia de livros antigos, que, se fossem postos à venda, não valeriam mais que o peso como papel velho. O valor de um livro nada tem a ver com a sua idade. A procura é que torna um livro valioso. O que o torna procurado é ser desejado por muita gente, e o que o faz desejado é um conjunto de fatores, de particularidades inerentes a cada obra. (MORAES, 2005, p. 67)

A divergência na identificação de um livro raro entre bibliófilos e bibliotecários demonstra que nem todos os livros presentes em coleções de livros raros nas bibliotecas de acesso coletivo atingem altos valores monetários. Portanto, é papel do bibliotecário de livros raros identificar, dentro de sua coleção, quais são os livros mais valiosos em termos financeiros; e com estes se deve ter cuidado especial, principalmente quanto à segurança contra roubo e furto, já que seu alto valor venal pode despertar o interesse de criminosos.

A análise bibliológica neste contexto pode ajudar também a identificar quais são as obras mais importantes, pois o manuseio do exemplar para a averiguação de suas características exige uma pesquisa bibliográfica para determinação de autoria e relevância, além da identificação de possíveis divergências entre exemplares. Pinheiro (2009) defende a utilização destas duas metodologias na composição de notas na catalogação do livro raro, de modo a conhecer exhaustivamente o contexto da obra e características do exemplar. Essa descrição de livros raros resulta da formalização de notas, compiladas a partir de metodologia integrada de análise bibliológica e pesquisa bibliográfica.

Toda a preocupação com segurança contra roubo e furto é justificada ao analisar os preços que os livros raros atingem no mercado. O primeiro livro impresso no mundo, a Bíblia de Gutenberg, alcançou, em leilão realizado em 1987 pela casa de leilões Christie's<sup>1</sup>, o valor de US\$ 5,390,00, considerado um recorde para uma Bíblia. Nesta casa leiloeira também foram vendidos o livro mais caro do mundo, o Códice de Leicester, um manuscrito de Leonardo da Vinci, por US\$ 30,802,500, em 1994; o livro de horas mais caro já vendido, *The Great Hours*, de Galeazzo Maria Sforza, por US\$1,950,035, em julho de 2011; o *Mahzor*, manuscrito iluminado em velino, que contém as orações para os feriados do ano litúrgico, em hebraico, leiloado em maio de 2012, por US\$ 2,401,422; a cópia pessoal de George Washington da Constituição e da Declaração de Direitos americana, vendida em junho de 2012 por US\$ 9,826,500; e o manuscrito iluminado mais caro já vendido, *The Rothschild Prayerbook*, arrematado em janeiro de 2014, por US\$ 13,605,00.

Em outra grande casa de leilões, a Sotheby's<sup>2</sup>, foi vendido o livro impresso mais caro, o *The Birds of America*, arrematado em dezembro de 2010 por US\$ 11,542,683; e o *The Bay Psalm Book*, vendido em novembro de 2013 por US\$ 14,165,00.

#### 4 ROUBO E FURTO DE LIVROS RAROS

O valor histórico-cultural das obras associado ao valor venal têm chamado a atenção de criminosos, que buscam lucrar com a subtração e revenda dos livros raros; por isso são frequentes os casos de roubo e furto.

Na biblioteca da *Yale University*, em 2005, houve um caso no qual o acusado de roubar os livros desta instituição era um livreiro especializado em mapas. A descoberta aconteceu ao se encontrar uma lâmina de estilete no chão do salão de consulta, fato que fez a segurança analisar calmamente as câmeras e identificar atitudes suspeitas de um usuário. Ao ser interrogado, o homem confessou a culpa e com ele ainda foram encontrados mapas de outras bibliotecas, como a Biblioteca Pública de Boston, a Biblioteca da Universidade de *Harvard*, a Biblioteca *Newberry*, em Chicago, e a *British Library* (CAMPBELL, 2006; GAUZ, 2005; HONIGSBAUM, 2006).

Gauz (2013) noticia a condenação do diretor da Biblioteca Girolamini, localizada em Nápoles, na Itália, pelo furto de aproximadamente 2.200 livros de sua própria biblioteca. As gravações de câmeras da instituição mostraram o diretor saindo com vários livros. Nas investigações, foram encontrados mais de mil livros escondidos em Verona; alguns estavam listados em leilões na Alemanha e na Inglaterra.

No Brasil existem vários casos de roubo e furto de livros raros. Kushnir (2009) diz que houve casos no Museu Nacional e na Biblioteca do Jardim Botânico do Rio de Janeiro, em 2004; na Biblioteca Mário de Andrade, em São Paulo, em 2006; e no Museu Emílio Goeldi, em Belém, no Pará, em 2008.

---

<sup>1</sup> Informações retiradas do site da Christie's: <http://www.christies.com/departments/books-and-manuscripts>. Acesso em: 13 jun. 2014.

<sup>2</sup> Informações retiradas do site da Sotheby's: <http://www.sothebys.com/en/departments/books-manuscripts.html>. Acesso em: 13 jun. 2014.

Em 2012, três homens armados levaram 15 volumes do Instituto de Botânica de São Paulo (MANSO e GODOY, 2012); e em 2013 também houve livros roubados por homens armados no Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas (LADRÕES ROUBAM..., 2013).

A incidência recorrente de crimes de roubo e furto de livros raros requer que as instituições guardiãs deste tipo de acervo reforcem sua segurança, buscando aumentar as ferramentas contra esse tipo de crime de modo a tentar inibir a ação dos criminosos.

## **5 ANÁLISE BIBLIOLÓGICA E INDIVIDUALIZAÇÃO DOS EXEMPLARES**

A análise bibliológica é a técnica de colacionar os aspectos intrínsecos e extrínsecos à produção de um exemplar. Pinheiro diz que esta técnica consiste no

[...] exame da organização material do item e o reconhecimento de seus elementos, para descrevê-lo como monumento, a partir de terminologia específica, amplamente dicionarizada e referenciada. [...] Através do exame do item, folha a folha, página por página, conferindo sua numeração, reclamos e assinaturas, perscrutando a página impressa ou gravada para ressaltar as características materiais que atribuem importância à edição e às marcas do tempo, personaliza-se o exemplar. (PINHEIRO, 2012, p. 4)

Rodrigues, Calheiros e Costa (2003) mostram que para a prática da análise bibliológica existem dois fundamentos: o primeiro é conhecer a história da editoração e da produção do livro impresso; o segundo é conhecer a história das práticas da leitura e do colecionismo de livros.

A metodologia de averiguação das características dos livros raros e da descrição das notas geradas pela mesma é proposta por Pinheiro (2012), que defende o colacionamento exaustivo em seis aspectos: suporte; capa: texto impresso; ornamentação; marcas intrínsecas e extrínsecas; e apresentação material e aspectos intelectuais; dividindo ainda as notas geradas em gerais e locais.

Pinheiro sistematiza os seis aspectos a serem averiguados conforme o quadro abaixo:

**Quadro 1:** Aspectos a serem observados, no colacionamento do livro raro

1 Suporte	<ul style="list-style-type: none"><li>• natureza (papel, pergaminho, couros, tecidos)</li><li>• linha e marca d'água</li><li>• variantes morfológicos (lado da carne/lado do pelo, cicatrizes e defeitos do pergaminho; dimensões, textura, cor e espessura do papel)</li></ul>
2 Capa	<ul style="list-style-type: none"><li>• cobertura (material, decoração)</li><li>• encadernação original, de época, em estilo, especiais, exóticas, artesanais</li><li>• lombada, cortes, seixas</li><li>• guarda, contraguarda, guarda volante</li><li>• complementos: garras, fechos, amarras, ornamentos</li></ul>
3 Texto impresso	<ul style="list-style-type: none"><li>• mancha (título corrente, reclamo, assinatura)</li><li>• arranjo (em colunas, sobreposto, em corandel, em fundo de lâmpada, em copo de médicos, em triângulo espanhol)</li><li>• caracteres góticos, romanos, aldinós</li><li>• signos tipográfico-bibliológicos: parágrafos, posituras</li><li>• títulos</li><li>• disposição do texto nas páginas, folhas, colunas</li></ul>
4 Ornamentação	<ul style="list-style-type: none"><li>• gravuras (água-forte, buril, xilogravura, litogravura)</li><li>• aquarelas, iluminuras</li><li>• assinaturas e marcas dos artistas gravadas ou impressas</li><li>• elementos decorativos: vinhetas, cabeções, capitais</li><li>• marcas tipográficas e heráldicas</li></ul>
5 Marcas intrínsecas e extrínsecas	<ul style="list-style-type: none"><li>• marcas de propriedade e posse (carimbo seco, carimbo molhado, <i>Ex ibris, ex dono, super libris</i>, marca de fogo, chancela)</li><li>• defeitos, incompletudes (originais e posteriores)</li><li>• anotações manuscritas (de época, atuais)</li><li>• marcas de comércio e intervenções (selos de livreiros, etiquetas de encadernadores) e de preparo biblioteconômico</li></ul>
6 Apresentação material e aspectos intelectuais	<ul style="list-style-type: none"><li>• natureza da obra</li><li>• documentos encartados (carcela), dobrados, desdobrados</li><li>• volumes unitários e coletivos</li><li>• marcas de interferências gráficas posteriores à edição</li></ul>

Fonte: Pinheiro (2012, p. 7)

O colacionamento de todas as características mencionadas no quadro acima ajuda a conceituar o livro em um período histórico, quando não é evidenciado por meio de data impressa; ajuda também a identificar as variações entre exemplares de uma mesma tiragem e individualizar o exemplar por elementos particulares.

A análise bibliológica é reconhecida como ferramenta de segurança por alguns autores da área, como Rodrigues, Calheiros e Costa ao dizerem que:

O propósito da análise bibliológica está em constituir-se (*sic*) como recurso de segurança, porque, mediante o registro de todas as informações intelectuais e materiais do livro raro, caracteriza-se a sua individualidade – condição essencial para identificar o exemplar possuído e garantir sua propriedade. (RODRIGUES, CALHEIROS E COSTA, 2003, p. 123)

Também em Pinheiro:

[...] a descrição minuciosa e exaustiva, formatada como inventário, é difundida nos manuais de segurança patrimonial e é o recurso

de segurança recomendado e praticado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, o IPHAN, através do Inventário Nacional de Bens Culturais de Natureza Material. (PINHEIRO, 2012, p. 3)

O conhecimento em história do livro e das práticas de leitura, como os dois fundamentos exigidos para a descrição minuciosa, defendidos por Rodrigues, Calheiros e Costa (2003), permite verificar as inúmeras variáveis que um exemplar pode ter com relação a outro e que, na investigação feita na análise bibliológica, ajudaria a individualizar o mesmo.

Os elementos adicionados ao livro após sua produção são os mais diversificados, e a identificação de todos eles ajuda a individualizar os objetos, já que são elementos que provavelmente não estarão em outro exemplar daquela mesma obra. Entre eles estão as marcas de propriedade, nas figuras do *Ex libris*<sup>3</sup>, *ex dono*<sup>4</sup>, *super libros*<sup>5</sup>, assinaturas e carimbos; além dos riscos aleatórios de caneta ou outro material que a obra pode ter, ou ainda as marcações de leitura, como o sublinhado de passagens do texto, as mãos, mãozinhas<sup>6</sup>, ou manchetes, como chamado por Pinheiro (2012), e as *frontis*<sup>7</sup>.

As encadernações devem ser averiguadas na análise bibliológica, pois, conforme mostra Moraes (2005), em vários momentos da história da produção livreira elas foram acrescentadas conforme desejo de seus proprietários, de modo que cada exemplar de uma mesma obra pudesse ter capas diferentes. O autor diz que foi moda entre os bibliotecários até o século XIX manterem toda a sua coleção com um único modelo de encadernação, de modo que em alguns casos é possível inclusive estabelecer a proveniência da obra; o mercado livreiro também favorecia a encadernação personalizada.

O livreiro mandava encadernar alguns exemplares para “amostra”, para oferecer ao freguês, e guardava o resto em folhas. À medida que ia vendendo uns, ia mandando encadernar outros. Os bibliófilos compravam os seus exemplares em folhas e mandavam encadernar ao seu gosto. (MORAES, 2005, p. 74)

Além dos fatores extrínsecos à produção do livro, mesmo os fatores intrínsecos também podem variar e indicar um exemplar único ou enquadrá-

---

<sup>3</sup> O *Ex libris* pode ser definido como uma espécie de selo de propriedade, incontestável e universal, que vem colado na face interna da capa, no rosto ou anterrosto do livro, valorizando-o. Tais vinhetas surgiram da necessidade de se atestar a pertença de um livro de maneira mais eficiente, original e elegante do que marcá-lo com uma assinatura ou uma admoestação manuscrita. (BERTINAZZO, 2012, p. 25)

<sup>4</sup> *Ex dono*: fórmula que precede o nome do doador que oferece de presente um objeto ou um livro; indicação especial escrita em alguns livros para indicar que foram oferecidos. (FARIA; PERICÃO, 2008, p. 317)

<sup>5</sup> O *super libros*, *super libris* ou *supralibris* teve preeminência na época Rococó, com suas luxuosas encadernações *à la dentelle*, e é inserido na capa do livro quando este é encadernado. Normalmente é estampado em prateado ou dourado e algumas vezes por compressão (baixo-relevo) ou, melhor dizendo, gofragem, reproduzindo os nomes e sobrenomes de seu proprietário ou monogramas, escudos de armas, etc. (BERTINAZZO, 2012, p. 227)

<sup>6</sup> Mão: nos manuscritos e livros impressos dos séculos XV e XVI, é o desenho esquemático de uma mão colocada na margem e designando, com o indicador, uma passagem importante do texto; por extensão, punho. (FARIA; PERICÃO, 2008, p. 479)

<sup>7</sup> *Frontis*: sinal utilizado nos manuscritos e que indicava que se devia corrigir o verso ou lê-lo com atenção (FARIA; PERICÃO, 2008, p. 353).

lo como pertencente a uma quantidade limitada de exemplares que possuem determinada característica. Araújo (2008) mostra que nas antigas oficinas tipográficas era comum que as fôrmas se ajustassem mal à máquina causando a quebra dos tipos, que eram substituídos; ou mesmo no desgaste dos mesmos diminuindo a pressão sobre o papel e gerando variantes dentro de uma mesma tiragem. O autor diz, ainda, que em alguns casos era necessária a supressão de páginas com erros, que poderiam ser substituídas por outra com correções, ou mesmo com acréscimo de texto; ou podia simplesmente ser eliminada.

Quando se descobria um erro grave numa edição ou em qualquer tiragem, ou, ainda, por exigência da censura, impunha-se a supressão ou “cancelamento” (neste sentido, termo divulgado a partir do ing. *cancel*) de folhas, criando-se uma variante ou estado da edição em relação à tiragem, ou mesmo, (*sic*) dentro da própria edição. Há muitos casos em que se descobre a supressão mas não se obtém nenhum (*sic*) exemplar com a forma primitiva, o que de nada vale para o estabelecimento de estema, pois faltam elementos comparativos. (ARAÚJO, 2008, p. 250)

A importância da verificação destes erros se dá principalmente pela alta frequência com que aconteciam: de acordo com Araújo (2008, p. 250), “calcula-se que nada menos de um terço dos livros publicados no século XVIII sofreu esse tipo de operação”.

A análise minuciosa das características do suporte, que, no caso dos livros impressos, o mais recorrente foi o papel, pode trazer informações importantes, por exemplo, para a datação da obra e para identificação do local de publicação. A análise das filigranas, por exemplo, pode ajudar a datar o livro. Faria e Pericão assim definem filigrana<sup>8</sup>:

O estudo das filigranas permite identificar o fabricante do papel e datar aproximadamente o seu fabrico. Frequentemente os copistas, quando copiavam um documento antigo, transcreviam igualmente a subscrição final que incluía por vezes a data, fato que nos coloca perante a dificuldade da datação da cópia. Por vezes, a única certeza da verdadeira data desta cópia é a identificação da filigrana que assim evita frequentemente fraudes documentais apresentadas como verdadeiros autógrafos. Esta vantagem não se aplica apenas a manuscritos, mas igualmente a obras impressas, sobretudo aos incunábulo, que por vezes não estão datados, e mesmo a obras posteriores, pois, segundo dizia Charles Briquet, toda folha de papel traz em si a data do seu nascimento. (FARIA e PERICÃO, 2008, p. 333-334)

Araújo (2008) complementa a ideia acima ao mostrar que a análise da posição dos pontusais<sup>9</sup>, vergaturas<sup>10</sup> e filigranas permite estipular o número de folhas nos cadernos que compõem um livro e, conseqüentemente,

---

<sup>8</sup> Filigrana, também chamada marca-d'água, é um desenho ou sinal transparente produzido por fios metálicos sobre o molde, que constitui a marca do fabricante [do papel]. (ARAÚJO, 2008, p. 254)

<sup>9</sup> Pontusais, i.e., hastes metálicas, em número variável, espaçados de 20 a 30 mm, que atravessam o molde, no sentido da largura, para a fabricação manual do papel, marcando a folha com linhas translúcidas. (ARAÚJO, 2008, p. 254)

<sup>10</sup> Vergaturas, i.e., arames que constituem o fundo do molde, espaçadas de cerca de 1mm, correndo na direção da altura e sustentadas por pontusais, do mesmo modo que estes produzem linhas transparentes, porém muito mais unidas. (ARAÚJO, 2008, p. 254)

identificar a supressão de páginas, determinando variações entre exemplares. O autor diz que se a página apresenta pontusais horizontais com filigranas na dobra isso indica que é um formato in-4<sup>o</sup><sup>11</sup>, enquanto que, se uma página apresentar os pontusais verticais com filigranas no alto, trata-se de um in-8<sup>o</sup><sup>12</sup>.

Do ponto de vista da segurança contra roubo e furto destes livros, é possível que os criminosos se interessem pelas variações com uma menor quantidade de exemplares, ou mesmo por variações que tornam a obra única. Neste contexto, Moraes diz que:

O que interessa ao bibliófilo, em matéria de cancelamento, é verificar se o exemplar que possui está completo. Existem muitas obras que sofreram cancelamento, mas um ou outro exemplar escapou à mutilação. Nesse caso, o exemplar perfeito vale infinitamente mais. (MORAES, 2005, p. 144)

O autor ainda dá o exemplo da primeira edição da *Chronica do felicíssimo rei dom Emanuel*, impressa em Lisboa em 1556, onde há críticas a grandes personalidades da época e por isso é recolhida para o cancelamento de várias folhas. Hoje só são conhecidos três ou quatro exemplares sem mutilação.

As gravuras geralmente têm elevados valores de mercado, mesmo que retiradas de um livro, pois, além do mercado de livros, elas são almeçadas pelos colecionadores de arte e, quando for o caso, também pelos colecionadores de mapas. Quanto ao colacionamento das gravuras, Moraes adverte que essa verificação pode inclusive mostrar a falsificação de um exemplar:

Essa verificação é também um meio de saber se um exemplar não está falsificado. Muita gente submete livros a toda sorte de manipulações. É comum substituírem-se folhas deterioradas por outras em bom estado, tiradas de um segundo exemplar. Mais frequente ainda é substituírem-se (*sic*) gravuras. Geralmente, depois da troca de folhas ou gravuras, reencaderna-se o volume. Não é sempre fácil descobrir a troca, mas, quando a substituição foi feita por causa de as folhas originais estarem picadas de traça, um simples exame revela a fraude. Basta reparar bem se os furos continuam através das folhas substituídas. Com as manchas d'água acontece a mesma coisa. [...] Não resta dúvida que uma obra nessas condições vale menos. (MORAES, 2005, p. 148)

Moraes (2005) ainda revela situações que historicamente acarretaram inúmeras variáveis de exemplares. Alguns destes casos estão relacionados aos privilégios que eram concedidos aos impressores, em que eles ganhavam o direito de serem os únicos a imprimir um título por um período determinado. No entanto, estes privilégios estavam condicionados às fronteiras de cada país, o que permitia que um concorrente imprimisse o mesmo livro em outro local. Também é comum encontrar uma mesma edição com datas e impressores diferentes. O que acontecia era que os tipógrafos se reuniam para adquirir as licenças e posteriormente cada um imprimia sua

---

<sup>11</sup> In-4<sup>o</sup>: diz-se do formato do livro em que cada uma das folhas foi dobrada de forma a dar oito páginas de impressão; formato in-4<sup>o</sup>. (FARIA; PERICÃO, 2008, p. 408)

<sup>12</sup> Formato in-8<sup>o</sup>: imposição que dá à folha 16 páginas de impressão. (FARIA; PERICÃO, 2008, p. 345)

própria edição, ou mesmo, por falta de verba, vendiam os exemplares remanescentes a um colega, que só imprimia uma nova imprensa, com seu nome e datas mais recentes.

São muitos os elementos que podem variar de um exemplar para outro, inclusive aqueles impressos. Esta variedade exige que o bibliotecário de Obras Raras tenha elevado conhecimento de história do livro e da editoração; da mesma forma que a identificação de todas as características de um exemplar só é possível por meio da análise bibliológica.

## **6 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A análise bibliológica, além da descrição detalhada de um exemplar para a finalidade de recuperação da informação, permite neste processo individualizar o livro, de modo a indicar a propriedade da instituição mantenedora. No caso de um possível roubo ou furto da obra e sua recuperação, a instituição tem como provar que o livro lhe pertence por meio de todos os detalhes levantados. Diferente dos carimbos, que geralmente são empregados no exemplar em áreas não textuais e, por isso, são fáceis de remoção, não é possível eliminar todas as características levantadas na análise bibliológica, pois haveria perda informacional relevante, chegando, em alguns casos, a inutilizar da obra.

O conhecimento das características do exemplar possibilita também que o bibliotecário responsável pelos livros raros os conheça detalhadamente; ou seja, colabora para um maior conhecimento do acervo, o que é imprescindível para o estabelecimento de políticas de segurança, pois é possível identificar quais são os livros mais valiosos da coleção.

A análise bibliológica, ao permitir um maior conhecimento do acervo, também auxilia a segurança contra roubo e furto no momento da consulta, pois saber de determinadas características como, por exemplo, a presença de gravuras, ajuda o bibliotecário a averiguar se as mesmas continuam partes integrantes da obra no momento do término da consulta.

Diante do contexto apresentado ao longo do texto, é visível a importância da análise bibliológica na segurança contra roubo e furto de livros raros. No entanto, sua aplicação exige um conhecimento especializado e muito tempo para análise das obras. Mas, mesmo assim, é imprescindível seu uso nas instituições guardiãs de livros raros, por atuar na prevenção quanto ao roubo no momento da consulta da obra e também na recuperação da mesma, caso não tenha sido possível evitar o crime.

## **REFERÊNCIAS**

ARAÚJO, E. **A construção do livro**: [princípios da técnica de editoração]. São Paulo: Editora UNESP, 2008.

BERTINAZZO, S. M. F. **Ex libris**: pequeno objeto do desejo. Brasília: EdUnB, 2012.

CAMPBELL, D. Dealer who stole rare maps faces jail and £1m fines. **The Guardian**, 24 jun. 2006. Disponível em:

<http://www.guardian.co.uk/uk/2006/jun/24/books.ukcrime>. Acesso em 16/06/2014.

CHRISTIE`S. Disponível em: <http://www.christies.com/>. Acesso em 13/06/2014.

FARIA, M. I.; PERICÃO, M. G. **Dicionário do livro**: da escrita ao livro eletrônico. São Paulo: Edusp, 2008.

GAUZ, V. De roubos e roubos. **Info Home**, out. 2005. Disponível em: [http://www.ofaj.com.br/colunas\\_conteudo.php?cod=231](http://www.ofaj.com.br/colunas_conteudo.php?cod=231). Acesso em 16/06/2014.

\_\_\_\_\_. Da Itália para o mundo: o roubo de livros da Biblioteca Girolamini. **Info Home**, dez. 2013. Disponível em: [http://www.ofaj.com.br/colunas\\_conteudo.php?cod=802](http://www.ofaj.com.br/colunas_conteudo.php?cod=802). Acesso em 16/06/2014.

HONIGSBAUM, M. Throw book at thief, says library. **The Guardian**, 15 set. 2006. Disponível em: <http://www.guardian.co.uk/uk/2006/sep/15/books.ukcrime>. Acesso em 16/06/2012.

KUSHNIR, B. Da manchete à notinha de canto: os furtos do patrimônio público, a privatização dos acervos do cidadão. **Museologia e Patrimônio**, v. 2, p. 9-21, 2009. Disponível em: <http://revistamuseologiaepatrimonio.mast.br/index.php/ppgpmus/issue/current/showTocm>. Acesso em 16/06/2014.

LADRÕES ROUBAM cem obras raras em Campinas. **Folha de São Paulo**, 13 ago. 2013. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2013/08/1325747-ladroes-roubam-cem-obras-raras-em-campinas.shtml>. Acesso em 16/06/n. 2014.

MANSO, B. P.; GODOY, M. Trio rouba livros raros de botânica em SP e diz ser “encomenda internacional”. **Estadão**, 02 fev. 2012. Disponível em: <http://www.estadao.com.br/noticias/cidades,trio-rouba-livros-raros-de-botanica-em-sp-e-diz-ser-encomenda-internacional,830662,0.htm>. Acesso em 16/06/2014.

MORAES, R. B. **O bibliófilo aprendiz**. 4ª ed. Brasília: Briquet de Lemos, 2005.

PINHEIRO, A. V. Catalogação de livros raros: proposta de metodologia de formalização de notas especiais para difusão, recuperação e salvaguarda. In: **I ENCONTRO NACIONAL DE CATALOGADORES E III ENCONTRO DE ESTUDOS E PESQUISAS EM CATALOGAÇÃO**, out. 2012, Rio de Janeiro. Disponível em: <http://pt.scribd.com/doc/109278012/Catalogacao-de-livros-raros-proposta-de-metodologia-de-formalizacao-de-notas-especiais-para-difusao-recuperacao-e-salvaguarda>. Acesso em 16/06/2014.

\_\_\_\_\_. Livro raro: antecedentes, propósitos e definições. In: SILVA, H. C.; BARROS, M. H. T. C. (Orgs.). **Ciência da Informação: múltiplos diálogos**. Marília: Cultura Acadêmica, 2009, p. 31-44. Disponível em: [http://www.marilia.unesp.br/Home/Publicacoes/helen\\_e%20book.pdf](http://www.marilia.unesp.br/Home/Publicacoes/helen_e%20book.pdf). Acesso em 16/06/2014.

REIFSCHNEIDER, O. D. B. A importância do acesso às obras raras. **Revista Ibero-Americana de Ciência da Informação**, v. 1, n. 1, jan./abr. 2008. Disponível em: <http://seer.bce.unb.br/index.php/RICI/article/view/1544/2330>. Acesso em 16/06/2014.

RODRIGUES, A. H.; CALHEIROS, M. F.; COSTA, P. S. Análise bibliológica de livros raros: a preservação ao “pé da letra”. In: **ANAIS DA BIBLIOTECA NACIONAL**, Rio de Janeiro, v. 123, p. 33-48, 2007. Disponível em: [http://www.bn.br/planor/documentos/anais\\_123\\_2003.pdf](http://www.bn.br/planor/documentos/anais_123_2003.pdf). Acesso em: 16/06/2014.

RODRIGUES, M. C. Como definir e identificar obras raras?: critérios adotados pela Biblioteca Central da Universidade de Caxias do Sul. **Revista Ciência da Informação**, Brasília, v. 35, n. 1, p. 115-121, jan./abr. 2006. Disponível em: <http://eprints.rclis.org/8336/1/v35n1a12.pdf>. Acesso em 02/12/2011.

SANT’ANA, R. B. Critérios para a definição de obras raras. **Revista Online Biblioteca Prof. Joel Martins**, Campinas, v. 2, n. 3, p. 1-18, jun. 2001. Disponível em: <http://www.fe.unicamp.br/revista/index.php/etd/article/view/1886/1727>. Acesso em 16/06/2014.

SILVA, F. **Critérios de seleção de obras raras adotados em bibliotecas do Distrito Federal**. 2011. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade de Brasília, Brasília, 2011. Disponível em: [http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/9202/1/2011\\_FernandoSilva.pdf](http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/9202/1/2011_FernandoSilva.pdf). Acesso em 16/06/2014.

SOTHEBY’S. Disponível em: <http://www.sothebys.com/en.html>. Acesso em 13/06/2014.